

Projeto Abra e leia

Simene Gonçalves Coelho



"Repetimos mais uma vez que não buscamos necessariamente a novidade, nem a originalidade, embora não a tenhamos de modo algum. Tomamos o que há de bom, onde houver: adaptamos o melhor possível as técnicas existentes em nosso trabalho. Nosso desejo é apenas o de valorizar, ao mesmo tempo, o material que responda a nossas necessidades e as técnicas de trabalho que permitirão a melhor exploração educativa das possibilidades criadoras das crianças." (Freinet, E. 1979, p. 74)

Retirada do conhecido livro de Élise Freinet - *O itinerário de Célestin Freinet* - a epígrafe acima dá início a nossa conversa com os escritos do autor e o seu desejo em valorizar a criatividade das crianças. E foi isso que realmente resultou do *Projeto Abra e Leia* desenvolvido no ano de 2023, de meados do final de setembro ao início do mês de novembro, na rede municipal de Uberlândia-MG. Foi uma iniciativa colaborativa que envolveu em torno de quatrocentos (400) estudantes e vinte (20) professoras de oito (8) escolas de Ensino Fundamental 1 e 2 do município, dentre elas duas escolas situadas na zona rural, nas quais atuei como professora formadora do CEMEPE (Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz).

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Contextualizarei melhor, nas linhas que seguem, os motivos e as necessidades que nos encaminharam a elaborar a proposta do projeto.

O CEMEPE é um lugar norteador das decisões educacionais que aponta o rumo que a educação deve tomar no município. Atuar neste local, como professora formadora, me traz uma grande responsabilidade e me faz acreditar no poder da transformação, com o compromisso de propiciar momentos formativos com as professoras diante dos desafios encontrados na alfabetização.

O *Projeto do Fortalecimento da Aprendizagem (PFA)* é uma iniciativa da SME (Secretaria Municipal de Educação) para recompor as aprendizagens de estudantes ainda não alfabetizados do 3º ano ao 7º ano. Avaliações indicavam que escreviam palavras sem segmentação, apresentavam baixa autoestima, sem confiança em seu potencial criador e autoral. Vivi essa experiência de perto e, a cada encontro com esses estudantes, eu me sentia mais tocada pelas suas percepções da vida, da escola e da aprendizagem. Foram momentos marcados pela transparência de seus interesses e desinteresses, seus desejos e necessidades abafados por uma trajetória educativa com a prática de uma língua escrita estéril e anestesiante.

Os estudantes apresentavam dificuldades em relação à compreensão e à criação de textos. Identificadas por meio de dados registrados em planilhas de acompanhamento pelas professoras, as dificuldades dos alunos eram assim registradas: dificuldades na compreensão da linguagem escrita e problemas na escrita de textos curtos, desorganizados em relação ao gênero proposto em situação de escrita. No contexto deste projeto, uma professora atendia a 2 grupos de estudantes, de até dez estudantes por agrupamento. Eles saíam da sala regular para esse atendimento por 100 minutos, por 4 dias na semana. Ressalto que este atendimento de 4 vezes na semana se tornou regra devido ao módulo 2 das professoras, destinado aos estudos e planejamento. Uma vez ao mês, esse dia de planejamento era cumprido na formação junto ao CEMEPE.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

É importante destacar que grande parte das professoras contratadas no projeto (feito por meio de processo seletivo) possuía pouca experiência na docência e na alfabetização, e por vezes, repetiam as ações metodológicas equivocadas que presenciaram ou tinham vivido na infância. Eram iguais às escolhas metodológicas que tinham impossibilitado aos estudantes o seu direito à alfabetização. Por isso, o planejamento docente para aproximar a vivência cotidiana dos estudantes aos conteúdos de ensino se mostrava realmente necessário.

Decidimos criar, como Freinet, um projeto de correspondências interescolares, embora a troca de cartas seja pouco praticada com o advento da internet, dos e-mails e outros aplicativos para troca de mensagens instantâneas. De qualquer modo, nós consideramos a desigualdade tecnológica ainda é uma realidade em nosso país. Não são todos os estudantes que possuem acesso à internet de banda larga ou mesmo a um aparelho celular, ainda que nas escolas municipais de Uberlândia haja acesso direto a Chromebook e tablets, mas sabemos não ser essa a situação em grande parte das escolas do país.

O convite para a correspondência interescolar foi bem aceito; era uma atividade viva, real, cujo sentido para os estudantes possivelmente fosse algo assimilável à sua prática social. Talvez por isso tenha sido acolhida com muita curiosidade por parte deles, o que favoreceu o desenvolvimento da escrita do gênero entre eles. Elias (1998) assevera que o trabalho com a correspondência, contribui de forma significativa nos campos dos comportamentos e dos conhecimentos dos estudantes.

Pensando nos vários pontos positivos do projeto descrito por Freinet, propus às professoras que atuavam em salas do *Programa Fortalecimento da Aprendizagem*, especificamente para esses estudantes ainda não alfabetizados, o trabalho com a escrita por meio da correspondência interescolar, para ampliar as oportunidades do trabalho com a criação de textos escritos.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

A proposta do *Projeto Abra e Leia* estava em consonância também com o material didático proposto pela SME “Um giro pela aprendizagem” (Unidade 1 ao final do capítulo 8) que explora esse gênero textual da vida cotidiana e era utilizado nos planejamentos docentes do PFA.

As professoras toparam o desafio. Ao sugerir o trabalho da correspondência interescolar, tivemos como ideia central a necessidade do grupo em desenvolver, de forma dialógica, a prática de atos de leitura e de escrita. Ressalto que a correspondência confirma uma ideia fundamental de Freinet (2001, p. 38) acerca do ensino da linguagem escrita: “A escrita só tem sentido se somos obrigados a recorrer a ela para comunicar nosso pensamento além do alcance da nossa voz, além das barreiras de nossa escola”.

Após o convite ter sido aceito pelas professoras, foi a vez de os alunos serem também convidados. A escolha das turmas atendeu a alguns critérios. As turmas seriam as que eram acompanhadas por mim como formadora, e se dividiram da seguinte maneira: 2 escolas rurais, 2 escolas de Ensino Fundamental 1, 5 escolas de Fundamental 1 e 2. Os agrupamentos foram feitos em pares, de forma que fossem contemplados todos os estudantes: cada emissor tinha o seu destinatário, para que nenhum estudante ficasse sem receber a sua carta.

O próximo passo era introduzir o gênero. Como sugestão, indicamos o livro de literatura infantil, “O carteiro chegou”, dos autores Janet e Allan Ahlberg da Editora Cia das Letrinhas e compartilhamos, com as professoras envolvidas, a obra disponível em PDF.

Figura 1: História disponível em vídeo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=N_Lj9MIzY1Y

Construímos, nos momentos de formação, a seguinte organização didática:

- 1- A chegada do gênero textual – Carta
- 2- Discussão da proposta
- 3- Pesquisa/Investigação
 - a. Características do gênero textual
 - b. Estrutura
 - c. Compreensão da importância/função
- 4- Pesquisa e escolha sobre a pessoa destinatária da carta
 - a. Escolher sobre o que escrever
 - b. Eleger principais assuntos
 - c. Explorar a criatividade e autonomia do desenho e da escrita
 - d. Levantar informações sobre a escola, região, etc.
 - e. Construir e confeccionar um selo para identificar a turma

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

5- Reescrita/Revisão textual

6- Registro. Foram produzidos pequenos vídeos e fotos, que registraram as etapas: momento da roda de conversa sobre o gênero textual, ato da escrita, a produção escrita do estudante (visto que a carta original seria entregue a um destinatário) e a chegada das correspondências.

A escrita das correspondências, mesmo sendo individual, foi feita de forma colaborativa, pois, com o trabalho organizado em duplas ou trios, os estudantes puderam trocar ideias de como e o quê escrever, além de partilharem suas dúvidas. As professoras auxiliavam com sugestões para melhorar a escrita e o entendimento do texto uns dos outros, e assim, participavam ativamente desses momentos, fazendo uma revisão final do texto junto com os estudantes, encorajando-os em suas criações.

O aluno era o autor de sua carta, mas todos juntos refletiam sobre as questões de ordem ortográfica, gramatical ou de sentido do seu texto e, após as adequações, passavam a limpo. O papel do professor é muito importante em todo o processo do trabalho com a correspondência interescolar. De acordo com Sampaio (1989, p. 196): “Estabelecer e manter um clima de expressão livre, de gosto criador, fazendo com que as crianças tenham o prazer e o desejo de realizar um trabalho bem feito, favorecer o sucesso de cada um, são atributos indispensáveis a todo professor, para que a correspondência produza seus frutos”.

O projeto criou a necessidade de escrever entre os alunos, de forma colaborativa, dialogada, reflexiva e embasada em uma atividade da linguagem escrita viva em movimento. Isso fez total diferença no olhar sobre a alfabetização das professoras, participantes ativas nesse processo, que tiveram a possibilidade de repensar o fazer docente de uma professora alfabetizadora.

Os estudantes se sentiram parte de todo o processo da escrita, da leitura e da aprendizagem. Essa participação despertou entre os alunos o desejo de escrever, de ler

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

e de socializar *para além dos muros da escola*. Perceberam e valorizaram a vivência do outro e o ambiente em que estes estão inseridos.

Os funcionários da escola se envolveram, sentindo-se parte do processo de alguma forma, seja em sala, seja na função de transportar a correspondência, seja auxiliando os estudantes na correção da escrita.

Trago, na sequência, um pouquinho dessa experiência com as imagens (foto e vídeo) e as palavras dos envolvidos. A figura 2 mostra a denominação dada ao projeto e o vídeo traz um detalhamento do que foi esse projeto, os participantes em ação e, ao final, declarações de crianças e de uma professora.

Figura 2: Projeto Abra e Leia



Para ter acesso ao vídeo, basta acessar o link abaixo:

Fonte: <https://youtu.be/Rq2UBMrQ3os>

E, para finalizar, faço breves considerações sobre a realização do projeto realizado.

Núcleo de Alfabetização Humanizadora

Práticas Pedagógicas

Como formadora e articuladora do projeto, me sinto agradecida e sensibilizada por poder auxiliar a todos que fizeram parte dele, direta e indiretamente e, ao mesmo tempo, orgulhosa de obter o envolvimento de 100% das professoras que acompanhavam esses estudantes.

Concordo com Freinet quanto ao favorecimento de atividades escolares vivas, associadas ao interesse dos estudantes e, também, quanto ao fato de a escrita ser considerada um trabalho autêntico, fruto de uma necessidade, uma atividade real à qual o estudante se entrega com toda sua energia e confiança. Eles recuperaram sua autoestima, passaram a confiar em si mesmos, desenvolveram o sentimento de autoria e sentiram-se capazes de criar. Esse era o objetivo, que foi inteiramente cumprido.

Referências

AHLBERG, Allan e Janet. *O carteiro chegou*: tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

ELIAS, M. C. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREINET, Élise. *O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet*. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

FREINET, C. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAMPAIO, R. M. W. F. *Freinet: evolução histórica e atualidades*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1989.